



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## NAS ENTRELINHAS DA IDEOLOGIA EM *A HORA DA ESTRELA*, DE *CLARICE LISPECTOR*

Keynesiana Macêdo Souza

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) - [keymsouza@gmail.com](mailto:keymsouza@gmail.com)

**Resumo:** Este trabalho objetiva analisar aspectos de cunho socioideológico presentes no romance *A hora da estrela* (1977), da escritora Clarice Lispector. A discussão vislumbra refletir sobre inquietações sociais que permeiam essa narrativa e traz à tona as relações de submissão do indivíduo em várias situações do cotidiano, com destaque para a protagonista, Macabéa. Essa personagem representa a classe dominada, a massa, o sujeito assujeitado e atingido pelas agruras das injustiças sociais. A perpassar esse cenário, está a ideologia que, para Chauí (1980), é o ocultamento da realidade social que legitima a exploração e a dominação. Isso ocorre, segundo Althusser (2003) e Guareschi (1991), por meio dos Aparelhos ideológicos que são criados para (re)produzir e perpetuar os discursos que ajudam a manter os contrastes de uma sociedade dividida em classes, gerando as desigualdades sociais, a exploração dos fracos e oprimidos, e a falta de dignidade humana.

**Palavras-chave:** Literatura brasileira, Clarice Lispector, *A hora da estrela*, Aparelhos ideológicos.

### Introdução

Mais do que um livro, *A hora da estrela* “É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta”. Essas afirmações de Clarice Lispector causam um certo impacto e mexem com os sentimentos mais íntimos e secretos de nós leitores. Essa obra possui uma narrativa inquietante e reflexiva. Essa obra de arte surge como um veículo capaz de levar-nos a refletir sobre os papéis das classes sociais, aclarando a realidade cotidiana, colocando em evidência as amarras ideológicas que prendem o indivíduo a convenções e ideias dominadoras, impedindo-o de criar o seu próprio espaço e ter sua liberdade. Convém observar que essa dominação e “escravidão” social, têm origem na ideologia. Nas palavras de Fiorin (2005), a ideologia é “a inversão da realidade” e se constitui como uma “visão de mundo”. Ela está enraizada na sociedade, direcionando, dia a dia, as ideias e atitudes dos indivíduos. É formadora de opiniões, estabelece divisões sociais e faz o falso tornar-se verdadeiro sem que as pessoas percebam ou se interroguem, concentrando, assim, o poder nas mãos de poucos.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Sobre esse prisma, convém inserirmos o livro *A hora da estrela*, uma vez que, nessa obra, a exposição do indivíduo se traduz em diversas ideologias, oferecendo um vasto campo de interpretações, nos fazendo refletir sobre o ser humano e sua vida social.

### **A presença e os reflexos da ideologia em *A hora da estrela***

As produções claricianas sempre foram calcadas na experiência humana, nas relações do indivíduo com o “outro”, sendo esse “outro” entendido, também, como o contexto social, as coisas ao seu redor e tudo que possa interferir no seu modo de pensar, agir e falar. Cabe frisar que Clarice Lispector desenvolveu uma ficção extremamente particular e inconfundível, que exige, de nós leitores, uma abertura interpretativa maior, correspondendo à amplitude do sentido de suas palavras, ideias e até do seu silêncio, porque “O silêncio é tal que nem o pensamento pensa<sup>1</sup>”.

Ao passar dois anos e meio redigindo esse livro, Clarice Lispector, de certa forma, relembrou sua infância humilde e sofrida no Nordeste. “Do recolhimento, nasce *A hora da estrela*; do silêncio, um grito, de Clarice, Macabéa” (VARIN, 2002, p. 168). A escritora queria fazer jorrar do seu íntimo o que a incomodava enquanto sua condição de mulher, escritora, nordestina, pobre e pessoa questionadora. Com essa narrativa, “De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geléia trêmula” (HE, p. 12), a autora expõe sua indignação diante da realidade do nosso país e tal realidade é identificada pelos leitores de olhar mais aguçado. Além de ser um livro em que sua autora aborda, mais abertamente, temas sociais, ele é também o seu “último” sopro de vida.

Nessa narrativa, a vida das personagens está dividida em duas estruturas: a primeira é a interna, que mostra o ser humano massacrado e corrompido pela ideologia, que age por meio da persuasão, do convencimento, fazendo o indivíduo absorver e aceitar uma falsa realidade. Já a segunda, é a externa, nessa estrutura o indivíduo é “coisificado”, passando a ser apenas um objeto descartável, sem “valor”, só deixa de ser inútil quando sua força produtiva atua a

---

<sup>1</sup> LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 86. Doravante, no corpo do texto, indicaremos, entre parênteses, as iniciais HE, seguidas do (s) número (s) da (s) página (s).



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

favor da classe dominante, sendo apenas reconhecido como um produtor facilmente manipulado e dominado. Ambas as estruturas, apresentadas por Lispector, atuam em torno dos Aparelhos de reprodução, que se subdividem em: *Aparelho ideológico* e *Aparelho repressivo*, sendo que em *HE*, o Aparelho ideológico tem maior destaque.

Uma das maiores vítimas desses Aparelhos é a personagem Macabéa, a protagonista da história, pois é atingida interna e externamente. Por ser uma pessoa desprovida de conhecimento, torna-se o alvo perfeito da classe dominante e suas ideologias.

Analisando a história dramática dessa órfã, que “acreditava em tudo o que existia e no que não existia também” (HE, p. 34), notamos sua delicada e “vaga existência”. Para Sperber (1983, p. 155), ela é “feita de contradições, reúne em si a pobreza econômica, física, alimentar e intelectual, de saúde, de costumes, de lazer, sempre segundo os padrões dominantes”. Ela era vazia até mesmo da própria vida, não tinha qualidades dignas de apreço, nada possuía, era “subproduto”, pois

A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno. Nunca pensara em ‘eu sou eu’. Acho que julgava não ter direito, ela era um saco. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal. Há milhares como ela? Sim, e que são apenas um acaso. Pensando bem: quem não é um acaso na vida? (HE, p. 36).

Em alguns trechos do livro, o narrador declara que: “estou escrevendo na hora mesma em que sou lido” (HE, p. 12) e, assim, Clarice Lispector procura mostrar que os fatos sociais, descritos no texto, aconteceram naquele hoje, se concretizaram em um agora, no mesmo momento que o romance estava sendo escrito, na década de 1970. Porém, apesar de muitos anos depois, a situação não é tão diferente nos dias atuais, porque tais acontecimentos, descritos nesse trecho, continuam presentes no meio social. Percebemos nos noticiários, inúmeras ocorrências de casos absurdos como os mencionados na obra, pois se tornou uma prática não muito rara, mas totalmente sem escrúpulos, a de colocar dentro de sacolas plásticas, crianças recém-nascidas e jogá-las no lixo ou no rio, como se fossem qualquer coisa sem valor, quando se trata da delicada vida humana. Esses atos não ocorrem só na ficção, é a



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

pura realidade de uma sociedade que parece ter perdido seus valores e os padrões morais (conjunto de normas e regras). E se não recuperarmos o valor da vida, dos direitos de igualdade, certamente, perderemos o rumo da civilização.

Arêas (2005, p. 84) observa que “Clarice ilumina o texto por dentro, recortando Macabéa de forma nítida e tensionada, opondo-a teatralmente a outras instâncias do contexto”. Assim, convém destacarmos como essa personagem foi criada e como era seu cotidiano antes de viajar para “o inacreditável Rio de Janeiro”, analisando a primeira instituição da qual fez parte, a da família:

Uma outra vez se lembrava de coisa esquecida. Por exemplo a tia lhe dando cascudos no alto da cabeça porque o cocuruto de uma cabeça devia ser, imaginava a tia, um ponto vital. Dava-lhe sempre com os nós dos dedos na cabeça de ossos fracos por falta de cálcio. Batia mas não era somente porque ao bater gozava de grande prazer sensual – a tia que não se casara por nojo – é que também considerava de dever seu evitar que a menina viesse um dia a ser uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem (HE, p. 28).

No fragmento mencionado acima, identificamos a presença do *Aparelho ideológico da família*, que atua tanto por meio da ideologia como da repressão. Essa é a primeira instituição que uma pessoa mantém contato, sendo responsável pela formação pessoal do indivíduo. Esse Aparelho é criticado por Lispector no momento que a tia de Macabéa é apresentada como um ser autoritário e repressor, não permitindo a liberdade e o desenvolvimento da menina. Ela era maltratada pela tia, a qual devia obediência por ser sua parenta e ser mais velha, pois na relação familiar de dominação, a idade é importante para impor o respeito e mostrar quem manda.

“Quando era pequena sua tia para castigá-la com o medo dissera-lhe que homem-vampiro – aquele que chupa sangue da pessoa mordendo-lhe o tenro da garganta – não tem reflexo no espelho” (HE, p. 25 - 26), sem motivos, a jovem era castigada com violência e com discursos ideológicos obsoletos, colocando, nesse caso, o “medo” como um poderoso instrumento de coerção. Esses discursos, uma vez aceitos como verdades, irão gerar outros



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

medos e traumas, impedindo que o indivíduo aprenda a enfrentar os obstáculos da vida. Com toda sua inocência, “sempre julgara que o que a tia lhe fizera era educá-la para que ela se tornasse uma moça fina” (HE, p. 76). Observamos que a disciplina imposta ao sujeito pela sociedade é sempre de renúncia e repressão, pois, além dos castigos, a moça era privada de muitas coisas, porém

As pancadas ela esquecia pois esperando-se um pouco a dor termina por passar. Mas o que doía mais era ser privada da sobremesa de todos os dias: goiabada com queijo, a única paixão na sua vida. Pois não era que esse castigo se tornara o predileto da tia sabida? (HE, p. 76).

A tia achava que assim estava dando educação e repassando os “bons modos” de comportamento para a sobrinha, essa por sua vez, apenas baixava a cabeça e obedecia, “Nunca se queixava de nada, sabia que as coisas são assim mesmo” (HE, p. 35). Então, como não lhe era dado o direito de questionar,

A menina não perguntava por que era sempre castigada mas nem tudo se precisa saber e não saber fazia parte importante de sua vida. Esse não-saber pode parecer ruim mas não é tanto porque ela sabia muita coisa assim como ninguém ensina cachorro a abanar o rabo e nem a pessoa a sentir fome; nasce-se e fica-se logo sabendo. Assim como ninguém lhe ensinaria um dia a morrer: na certa morreria um dia como se antes tivesse estudado de cor a representação do papel de estrela (HE, p.28-29).

Nesse trecho, Clarice Lispector dá visibilidade a uma questão social relevante: o *saber*. O indivíduo se distingue em duas categorias frente à organização sistemática do conhecimento: os que sabem e os que não sabem. Essa diferença surge das ideologias difundidas pelas minorias que comandam a sociedade e detém o saber – classe dominante – sendo assim, podem interferir, dizer e agir, tomar decisões, impor ordens, decidir sobre a totalidade da vida social, tanto na esfera da cultura como na do trabalho, da vida política e dos vários setores responsáveis pela ordem e o bem-estar geral, dessa forma, o saber se converte em instrumento de poder. Está por trás dessas práticas a ideologia da competência, entendida por Marilene Chauí (2001, p. 117) como “a idéia de que há, na sociedade, os que sabem e os



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que não sabem, que os primeiros são competentes e têm o direito de mandar e de exercer poderes, enquanto os demais são incompetentes, devendo obedecer e ser mandados”.

Enquanto não for concedido a todos os indivíduos o direito à educação e à obtenção do conhecimento, que são geradores de oportunidades, não haverá integração social, então, sem mudanças a situação permanecerá assim:

[...] um dia algo que por um leve instante cobiçou: um livro que Seu Raimundo, dado a literatura, deixara sobre a mesa. O título era “Humilhados e Ofendidos”. Ficou pensativa. Talvez tivesse pela primeira vez se definido numa classe social. Pensou, pensou e pensou! Chegou à conclusão que na verdade ninguém jamais a ofendera, tudo que acontecia era porque as coisas são assim mesmo e não havia luta possível, para que lutar? (HE, p. 40).

Na cena acima, observamos que *A hora da estrela* enfatiza, de forma irônica e dramática, a alienação dos menos favorecidos socialmente, mostrando o livro pertencente ao padrão de Macabéa e a surpresa dessa jovem ao ler o título “Humilhados e Ofendidos”, pois “se pergunta com inocência quem seriam eles” (ARÊAS, 2005, p. 129). Nesse sentido, convém frisar que o *saber* é tido aqui como possibilidade de liberdade e é a educação que abre caminhos para essa libertação, porque enquanto o homem não compreender a si próprio e nem o que acontece ao seu redor, continuará sendo alienado, escravo e submisso.

A vontade de saber e aprender é algo inerente ao homem, porém, a ideologia, com sua força manipuladora, reduz a visão do indivíduo, impedindo-o de se reconhecer como sujeito capaz de transformar e reverter determinadas situações, tornando-o, na concepção de Althusser, um ser “assujeitado”.

Ao descrever a trajetória da protagonista, a escritora, de maneira sábia, a conduz por alguns setores da sociedade, denunciando o cenário agressivo da grande capital e o abuso de poder que sua personagem – a classe dominada – sofre.

No tocante a esse entrelaçamento da ideologia com a educação, torna-se pertinente mencionarmos o pensamento do educador Paulo Freire (2004, p. 125-126), que diz:

[...] a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

mesmo tempo em que nos torna “míopes”. [...] Mais séria ainda é a possibilidade que temos de docilmente aceitar que o que vemos e ouvimos é o que na verdade é, e não a verdade distorcida.

A redução do campo visualizador dificulta a percepção mais nítida da realidade, pois a ideologia tem a capacidade de nos “miopizar e ensurdecer”, fazendo as pessoas aceitarem, de forma passiva, os discursos ideológicos. No que concerne à educação, Freire a vê como “uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento” (FREIRE, 2004, p. 98).

Então, a partir dessas palavras, depreendemos que a educação não apenas reproduz as ideologias dominantes, mas, paradoxalmente, tem como função desmascará-las. Por isso, a intenção dessas pessoas que detêm o controle da produção e distribuição dos bens e riquezas da sociedade, é ludibriar os indivíduos dominados, por meio de discursos como esse já citado - “nem tudo se precisa saber” - na tentativa de distanciar esses sujeitos do acesso à educação e ao saber e, conseqüentemente, dos processos sociais dominantes. As pessoas precisam ter consciência de que a educação deve ser um direito de todos e não privilégio de uma minoria. A ingênua Macabéa “Achava que boa educação é saber mentir” (HE, p. 69).

Macabéa é uma personagem construída para revelar a face da opressão, da exclusão, pois sua presença é insignificante para as pessoas: “sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham” (HE, p. 16). Para o narrador, ela tinha “rosto que pedia tapa” (HE, p. 25) e “A sua única vantagem sobre os outros era saber engolir pílulas sem água, assim seco” (HE, 63). Mas ela não é apenas uma pobre migrante nordestina e semianalfabeta, que faz parte de um país de contrastes sociais, a mercê das grandes potências; Macabéa é levada para dentro da narrativa como alguém que lê, escreve, junta recortes de jornais, vai ao cinema e sonha em ser uma das atrizes dos filmes: “ – Sabe o que eu mais queria na vida? Pois era ser artista de cinema” (HE, p. 53); e que tem interesse em saber o significado de certas palavras que ouve através da Rádio Relógio. Segundo Peixoto



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

(2004, p. 202), ela é “Curiosa acerca dos artefatos culturais que a cercam e no entanto lhe escapam”.

Sendo assim, a pobre moça é a figura que assusta e incomoda os intelectuais, porque ela é a massa. Esse termo é entendido por Chauí (2001, p. 157), como sendo “um agregado sem forma, sem rosto, sem identidade e sem pleno direito à cultura”, mas que ocupa um lugar no espaço e o medo dos poderosos é que ela queira “mais porque é mesmo verdade que quando se dá a mão, essa gatinha quer todo o resto, zé-povinho sonha com fome de tudo. E quer mas sem direito algum, pois não é?” (HE, p. 35). O narrador ainda interroga o leitor para que ele concorde com o seu pensamento, com suas argumentações, pois não pretende relatar a história sozinho.

Apesar de feia, alienada, grotesca e incompetente no trabalho, a jovem tem vida e o que a torna alienada são as ideologias desenvolvidas e repassadas pelas classes dominantes. Por isso, geralmente

Não fazia perguntas. Adivinhava que não há respostas. Era lá tola de perguntar? E de receber um ‘não’ na cara? Talvez a pergunta vazia fosse apenas para que um dia alguém não viesse a dizer que ela nem ao menos havia perguntado. Por falta de quem lhe respondesse ela mesma parecia se ter respondido: é assim porque é assim (HE, p. 26).

A ideologia faz o indivíduo aceitar a naturalização das coisas, da mesma forma que Macabéa, pois “Vagamente pensava de muito longe e sem palavras o seguinte: já que sou o jeito é ser” (HE, p. 33). Não questiona as “verdades” impostas pela sociedade que dita as ordens. É assim que a ideologia atua e se instala no meio social, enquanto isso a classe dominante continua estabelecendo divisões.

Mas a priori o que falta para Macabéa é oportunidade, porque curiosidade em querer saber e entender as coisas ela tem; até de forma tola se questiona: “O céu é para baixo ou para cima?” (HE, p. 31) e, às vezes pergunta a Olímpico, esse que é uma “espécie de namorado em sua vida” (HE, p. 51):

O que quer dizer “élgebra”? [...]



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A Rádio Relógio diz que dá a hora certa, cultura e anúncios. Que quer dizer cultura? [...]

- É que muita coisa eu não entendo bem. O que quer dizer “renda per capita”? [...]

- O que quer dizer rua Conde de Bonfim? O que é conde? É príncipe? (HE, p. 50).

O diálogo acima demonstra que Macabéa vive alheia a tudo, não entende o significado das palavras e nem da vida: “Muitas coisas sabia que não sabia entender” (HE, p. 51). Com relação à vida, o narrador não se esquiva em dizer: “Pois vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender” (HE, p. 29) e acrescenta afirmando que “Uma palavra dela eu às vezes consigo mas ela me foge por entre os dedos” (HE, p. 29). A jovem conhece as palavras porque as escuta, mas não consegue entendê-las, não conhece os seus significados.

A personagem não tem conhecimento, por isso tem dificuldades para se comunicar, então, entendemos que o ato de se comunicar é uma fonte de vida e de convívio social. Há por todos os lugares, muitas pessoas iguais a Macabéa, sem vez, sem voz, sem comunicação.

Macabéa é completamente desprovida de palavras e conteúdo, não sabe nem expressar seus sofrimentos, percebemos isso em uma breve conversa sua com a colega de trabalho, Glória, que lhe interroga:

- Por que é que você me pede tanta aspirina? Não estou reclamando, embora isso me custe dinheiro.

- É para eu não me doer.

- Como é que é? Hein? Você se dói?

- Eu me dão o tempo todo.

- Aonde?

- Dentro, não sei explicar (HE, p. 62).

Macabéa não sabia exatamente o que sentia, apenas sentia, “É que a vida lhe era tão insossa que nem pão velho sem manteiga” (HE, p. 58). E ao cessar a vida dessa personagem, a escritora mostra que, além de outros fatores, a arte de sobreviver também pode ser a arte de saber se comunicar e interagir, para que se possa participar ativamente da vida em sociedade.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Por ser sozinha no mundo, não tem com quem compartilhar o seu vago existir, e ao conhecer Olímpico, passa a admirá-lo, pois ele fizera dela um alguém ao chamá-la de “senhorinha” (HE, p. 54). Os encontros do casal eram sempre um grande momento para Macabéa, já para Olímpico a conversa não era tão empolgante. Conforme podemos observar:

Ele: - Pois é.  
Ela: - Pois é o quê?  
Ele: - Eu só disse pois é!  
Ela: - Mas “pois é” o quê?  
Ele: - Melhor mudar de conversa porque você não me entende.  
Ela: - Entender o quê?  
Ele: - Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!  
Ela: - Falar então de quê?  
Ele: - Por exemplo, de você.  
Ela: - Eu?!  
Ele: - Por que esse espanto? Você não é gente? Gente fala de gente.  
Ela: - Desculpe mas não acho que sou muito gente.  
Ele: - Mas todo mundo é gente, Meu Deus!  
Ela: - É que não me habituei.  
Ele: - Não se habituou com quê?  
Ela: - Ah, não sei explicar.  
Ele: - E então?  
Ela: - Então o quê?  
Ele: - Olhe, eu vou embora porque você é impossível!  
Ela: - É que só sei ser impossível, não sei mais nada.  
Que é que eu faço para conseguir ser possível?  
Ele: - Pare de falar porque você só diz besteira! Diga o que é do teu agrado.  
Ela: - Acho que não sei dizer (HE, p. 48).

A partir dessa tentativa de interação entre Macabéa e Olímpico, podemos dizer que ela não consegue se comunicar, não sabe o que falar, justamente, porque está desamparada pela palavra e imersa no vazio. Fica atônita quando seu namorado a interroga sobre sua vida, pois não se sente “muito gente” e ainda não se acostumou com o seu eu. Será que ela tem alguma chance de ser uma pessoa possível? A escritora coloca em destaque, a incomunicabilidade de afetos da personagem sobre um fio tênue que pende entre o cômico e o trágico, e faz o leitor aderir a ela.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Rodrigo S. M., integrante da classe dos que “pesam”, procura se distinguir, com seu saber e seus gostos refinados de burguês: desfruta da boa música, da literatura, etc. Essas coisas não são explicitadas na narrativa, mas a partir do momento em que ironiza os gostos tolos de Macabéa que “gostava de filme de terror ou musicais” (HE, p. 58), deixa subentendido as suas preferências. Enquanto Macabéa sabe que “a mosca voa tão depressa que se voasse em linha reta ela ia passar pelo mundo todo em 28 dias” (HE, p. 56), Rodrigo S. M. entende de História e de Biologia, ainda faz questão de dizer: “aprendi inglês e francês de ouvido” (HE, p. 18), e a pobre Macabéa nunca imaginou que pudesse existir uma outra língua que não fosse a “brasileira”: “Ela achava que ‘lacrima’ em vez de lágrima era erro do homem da rádio. Nunca lhe ocorrera a existência de outra língua e pensava que no Brasil se falava brasileiro” (HE, p. 51).

Ao fazermos a leitura desses contrastes, percebemos que Lispector procurou demonstrar a diferença do conhecimento adquirido pelas pessoas de classes antagônicas. O conhecimento do escritor Rodrigo S. M., nos remete a arte, simbolizando o eterno; já as curtas informações decoradas por Macabéa, nos trazem a ideia do efêmero e não auxilia no processo de mudança do indivíduo e seu meio. Portanto, o conhecimento, acessível a poucos, favorece a participação do sujeito na prática da vida, na transformação pessoal, profissional e social, proporcionando uma intervenção nas imposições feitas pelos dominantes. Já a informação, é passageira e pode ou não ser utilizada em algum momento.

Diante desses dados, podemos afirmar que Rodrigo S. M. possui *conhecimento* e Macabéa tem somente a *informação*, que ela capta de forma fragmentada. Essa é a intenção dos dominantes, apenas retransmitir informações distorcidas, que não condizem com o real, com a verdade, tudo isso é repassado, segundo Althusser (2003), através do *Aparelho ideológico de informação*. Guareschi (1991), de forma mais abrangente, menciona em seus estudos como sendo esse o *AI da comunicação* e diz ser um dos mais importantes da sociedade, porque a comunicação é responsável pela construção da “realidade”, baseada nos interesses daqueles que querem garantir o poder. E Macabéa se enquadra no perfil de pessoas



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que a Indústria Cultural deseja atingir, essa Indústria é criticada pela escritora por ser uma arma de domínio e opressão.

Guareschi faz críticas aos diversos Aparelhos existentes no meio social e afirma que esse Aparelho ideológico da comunicação é um dos mais centrais e resistentes à mudança. Estando a serviço da dominação e exploração, fazendo com que algo passe a existir no momento em que é comunicado. Porém, também é preciso ficarmos atentos ao que não é comunicado, pois “[...]. A força de um meio de comunicação está, muitas vezes, mais no silenciar do que no comunicar” (GUARESCHI, 1991, p. 100).

Dentro desse contexto, podemos citar um trecho do livro referente à extinta Rádio Relógio Federal, que evidencia a influência da mídia e dos meios de comunicação em geral. O contato de Macabéa com o mundo se faz por essa rádio, que é sua companhia, então

[...] ligava invariavelmente para a Rádio Relógio, que dava a “hora certa e cultura”, e nenhuma música, só pingava em som de gotas que caem – cada gota de minuto que passava. E, sobretudo esse canal de rádio aproveitava intervalos entre as tais gotas de minuto para dar anúncios comerciais – ela adorava anúncios. Era rádio perfeita, pois também entre os pingos do tempo dava curtos ensinamentos dos quais talvez algum dia viesse precisar saber. Foi assim que aprendeu que o Imperador Carlos Magno era na terra dele chamado Carolus. Verdade que nunca achara modo de aplicar essa informação. Mas nunca se sabe quem espera sempre alcança (HE, p. 37).

Esses curtos “ensinamentos” de Macabéa não a faz refletir e enxergar as coisas como elas realmente são. Tais informações, obtidas por essa rádio, não têm utilidades, tornam-se inválidas, porque a jovem não sabe como, nem em que momento aplicá-las e não consegue processá-las em sua mente, por não possuir nenhuma espécie de recursos linguísticos, como notamos em seu diálogo com o namorado Olímpico. Assim, Clarice Lispector faz críticas aos veículos de comunicação dirigidos às classes populares. Casos como esse ocorre com frequência também na escola, no momento em que os conteúdos são “repassados” e o aluno não sabe qual o objetivo de determinados assuntos, não sabe de que forma irá utilizar as informações e se elas servirão para sua vida.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A jovem Macabéa não consegue discernir o que é útil, ou não, para a vida, por isso, tudo que é transmitido pela rádio, ela acha interessante, até porque esse é o seu meio mais efetivo de manter contato com o mundo:

- Nessa rádio eles dizem essa coisa de “cultura” e palavras difíceis, por exemplo: o que quer dizer “eletrônico”?

[...] – Eu gosto de ouvir os pingos de minutos do tempo assim: tic-tac-tic-tac-tic-tac.

[...] – Sabe o que mais eu aprendi? Eles disseram que se devia ter alegria de viver. Então eu tenho (HE, p. 50).

Porém, o seu namorado Olímpico sentia-se incomodado com as perguntas que ela fazia e um dia questionou: “– E para que serve saber demais? O Manguê está cheio de raparigas que fizeram perguntas demais” (HE, p. 55). Por ser um homem interesseiro e ambicioso, pensa que o mais importante é o dinheiro e não o conhecimento. Pois cultivava um sonho: “– Sou muito inteligente, ainda vou ser deputado” e o narrador diz que ele conseguiu concretizá-lo, não foi muito difícil porque “Tinha o tom cantado e o palavreado sebo, próprio para quem abre a boca e fala pedindo e ordenando os direitos do homem” (HE, p. 46). A escritora aproveita o discurso de Olímpico para denunciar o despreparo com que muitos entram na política. É bem verdade que essa imagem de político não mais nos assusta, porque eles evoluíram, atualmente já temos até a dança dos “políticos” no Senado brasileiro.

Esses discursos socioideológicos estão sempre presentes em nosso dia-a-dia e as informações, transmitidas pela mídia, são aceitas pela maioria dos receptores como verdades absolutas, sem haver um questionamento ou reflexão sobre o que está sendo repassado. Isso resulta de uma ideologia já cristalizada na sociedade, dessa forma, o indivíduo não é instigado a ver além do que está sendo dito e/ou mostrado. Assim, vai aumentando cada vez mais o número de pessoas que vivem em função das ideologias existentes e ainda, inconscientemente, ajudam a reproduzi-las.

Em algumas partes do livro, o narrador nos dá uma leve impressão de que Macabéa começa a pensar sobre a vida e parece querer reagir diante dos discursos que a humilha. Vejamos seu comportamento ao ser indagada por Glória, sua colega de trabalho:



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

- Você endoidou, criatura? Pintar-se como uma endemoniada? Você até parece mulher de soldado.
- Sou moça virgem! Não sou mulher de soldado e marinheiro.
- Me desculpa eu perguntar: ser feia dói?
- Nunca pensei nisso, acho que dói um pouquinho. Mas eu lhe pergunto se você que é feia sente dor.
- Eu não sou feia!!!, gritou Glória (HE, p.62).

No entanto, são apenas pequenos esboços de Macabéa, pois sua reação sempre para no meio do caminho. Às vezes, parece ter noção das coisas, chegando a meditar sobre as palavras que a diminui diante da sociedade e a querer reivindicar, não mais ficando por baixo, mas não atinge o grau esperado de reflexão, não concretiza seus pensamentos, porque “Pensar era tão difícil, ela não sabia de que jeito se pensava” (HE, p. 54).

A escritora, com sua personagem que mais parece “um cabelo na sopa”, procura realçar “A inacessibilidade dos bens materiais e culturais, a condição de pária social, faz dela um ser inacabado pela impossibilidade de desenvolvimento adequado. Em suma, Macabéa não é um ser humanizado em sentido profundo, e essa é a fratura que o livro procura expor” (ARÊAS, 2005, p. 81).

Percebemos, em vários fragmentos do texto, que essa jovem alagoana configura-se como uma personagem coletiva, por representar o cotidiano “miserável” da maioria de nossa população. Nela está a imagem da empregada doméstica, das funcionárias do comércio e todas as pessoas que servem à burguesia exploradora, conforme segue:

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam. Poucas se queixam e ao que eu saiba nenhuma reclama por não saber a quem. Esse quem será que existe? (HE, p. 14).

Este é o verdadeiro retrato da penúria urbana, das pessoas que moram em casas humildes, favelas e barracos. Segundo Arêas (2005, p. 77), “[...] a história é tecida em meio às circunstâncias objetivas da pobreza brasileira”.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

O narrador deixa claro que Macabéa só ganha dignidade ao exercer a função de datilógrafa (HE, p. 15), mas não consegue nem ao menos copiar um texto direito, não passa de um “parafuso dispensável” na sociedade técnica (HE, p. 29). Mas, tem mais dignidade do que muitas pessoas desempregadas e espalhadas pelas ruas, pois “pelo menos comida não mendigava, havia toda uma subclasse de gente mais perdida e com fome” (HE, p. 30).

Uma das personagens importantes da narrativa é a cartomante madama Carlota, que só aparece no final do livro, pois é uma peça central responsável pelo desfecho da história de Macabéa. Essa cartomante, como os demais personagens, se configura como uma imagem típica do cenário brasileiro, no sentido negativo, por representar a prostituição, o charlatarismo, o ilegal, etc. Ela diz que é “fã de Jesus” e é “doidinha por Ele”, se agarrava na fé para se livrar do *Aparelho repressivo do Estado*, a polícia. É proibida de pôr as cartas (HE, p. 73), por isso, foge da polícia, que tem a função de exercer coerção, atuando por meio da violência. Abertamente conta para Macabéa a história de sua vida pregressa, dizendo o que a fez ir para o mundo da perversidade e também sobre suas aventuras sexuais, confessando com orgulho que apanhava do homem que gostava:

- Eu era pobre, comia mal, não tinha roupas boas. Então caí na vida. E gostei porque sou uma pessoa muito carinhosa, tinha carinho por todos os homens. [...] Eu era mais tolerante do que as outras porque sou bondosa e afinal estava dando o que era meu. Eu tinha um homem de quem eu gostava de verdade e que eu sustentava porque ele era fino e não queria se gastar em trabalho nenhum. Ele era o meu luxo e eu até apanhava dele. Quando ele me dava uma surra eu via que ele gostava de mim, eu gostava de apanhar. [...] Depois que ele desapareceu, eu, para não sofrer, me divertia amando mulher. O carinho de mulher é muito bom mesmo, eu até lhe aconselho porque você é delicada demais para suportar a brutalidade dos homens e se você conseguir uma mulher vai ver como é gostoso, entre mulheres o carinho é muito mais fino (HE, p. 74).

É essa cartomante que pela primeira vez incute em Macabéa um raio de luz, seu maior sinal de vida. Ao colocar as cartas para saber o futuro da jovem, madama Carlota prevê um futuro grandioso, um destino talvez desejado por muitas mulheres. A cartomante acertou



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

apenas o passado sofrido da moça, mas quanto ao futuro? Apenas encheu de esperança a sua vida vazia, embora ela não soubesse direito o que é ter esperança. Assim que sai da casa da cartomante, já sentindo-se “grávida de futuro” e sonhando com o “maravilhoso destino”, Macabéa encontra a morte, recebera dela o primeiro e único abraço de sua vida, pois é tragicamente atropelada por um Mercedes – Benz amarelo, carro de “alto luxo”, que foge do local, então o motorista era seu assassino e não seu noivo. Seu momento luminoso ocorreu na hora da morte, antes pronunciou sua frase final:

- Quanto ao futuro.

Terá tido ela saudade do futuro? Ouço a música antiga de palavras e palavras, sim, é assim. Nesta hora exata Macabéa sente um fundo enjôo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso.

Estrela de mil pontas.

O que é que estou vendo agora e que me assusta? Vejo que ela vomitou um pouco de sangue, vasto espasmo, enfim o âmago tocando no âmago: vitória! E então – então o súbito grito estertorado de uma gaivota, de repente a águia voraz erguendo para os altos ares a ovelha tenra, o macio gato estraçalhando um rato sujo e qualquer, a vida come a vida (HE, p. 85).

Essa é sua “hora de estrela”, a hora da morte. É nessas circunstâncias que todos a olham, não para Macabéa em si, mas para um corpo inerte estendido no chão. Fica claro o descaso da cidade grande para com as pessoas e a violência. Ela só foi percebida no mundo quando foi atropelada, por ter atrapalhado o tráfego, como disse o cantor e compositor Chico Buarque, em sua música *Construção*<sup>2</sup>:

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado  
E flutuou no ar como se fosse um pássaro  
E se acabou no chão feito um pacote flácido  
Agonizou no meio do passeio público  
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Antes do suspiro final, a jovem “viu entre as pedras do esgoto o ralo capim de um verde da mais tenra esperança humana” (HE, p. 80), talvez nesse instante tenha pensado: o capim é mais útil, por isso tem o direito de viver. Que espécie de ser é Macabéa? Será que ela também

---

<sup>2</sup> NICOLA, José de. Língua, literatura e redação. 13. ed. São Paulo: Scipione, 1998, p. 13.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

não tem o direito de viver? Ou a morte é sua chance de aniquilar o sofrimento da vida? Na interpretação de Silva (2005, p. 72), “[...] tudo indica que Macabéa fora feita para brilhar no instante exato da queda”.

A nordestina não morre sozinha, porque seu fiel criador, após relatar os instantes finais da história, também morre junto com sua criação. Então, no final a vida se resumiu à morte, oportunizando um novo nascer. É o que diz o “sim” presente no início do livro: “Tudo no mundo começou com um sim” (HE, p. 12) e essa também é a última palavra utilizada pela escritora para finalizar seu romance, ela faz a retomada dessa palavra, portanto, esse “sim” último significa um outro começo.

### Considerações finais

Em linhas gerais, podemos dizer que a escritora Clarice Lispector marca toda a narrativa com um pulsar de denúncia, ao descrever as perversidades do sistema social, econômico e político da sociedade brasileira. Com sua personagem Macabéa, “que reúne em si todos os estigmas da fome, da miséria e da impotência à reação” (KADOTA, p. 137), a escritora faz um percurso por alguns setores da sociedade, colocando-a cara a cara com a realidade imposta pela classe dominante e aceita pelos demais. Os que se enquadram nessa classe superior, procuram manter a sociedade dividida em classes, assim, reproduzindo as relações de exploração e dominação, estabelecendo a desigualdade. Para tanto, fazem uso dos discursos ideológicos, através dos *Aparelhos ideológicos repressivos do Estado* e dos *Aparelhos ideológicos do Estado* e, dessa forma, manipulam os indivíduos que estão à margem do processo social.

Clarice Lispector em *A hora da estrela* dá o seu grito em nome daqueles que não podem ou não sabem gritar, então declara: “O que escrevo é mais do que invenção, é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida. Porque há o direito ao grito. Então eu grito” (HE, p. 13). Mas logo na dedicatória diz que “Trata-se de um livro inacabado porque lhe falta a resposta.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Resposta esta que espero que alguém no mundo ma dê. Vós?” (HE, p. 10), portanto, exige dos leitores uma resposta que só virá por meio da reflexão e conscientização desse sujeito leitor.

### Referências

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado*. 9. ed. Tradução: Walter José Evangelista e Maria Laura V. de Castro. introd. Crítica: José Augusto G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

\_\_\_\_\_; ROSENFELD, A., PRADO, D. A. e GOMES, P. E. S. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectivas, 2002.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 1980. (Primeiros Passos).

\_\_\_\_\_. *Filosofia*. São Paulo: Ática, 2001. (Novo Ensino Médio).

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GUARESCHI, P. Alcíades. *Sociologia crítica: alternativas de mudança*. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1991.

KADOTA, Neiva Pitta. *A tessitura dissimulada: o social em Clarice Lispector*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PEIXOTO, Marta. *Ficções apaixonadas: gênero, narrativa e violência em Clarice Lispector*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SPERBER, Suzi Frankl. Jovem com ferrugem. In: SCHWARZ, Roberto. *Os pobres da literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 154 -164.

SILVA, Sérgio Antônio. *A hora da estrela de Clarice*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VARIN, Claire. *Línguas de fogo: ensaio sobre Clarice Lispector*. Tradução: Lúcia Peixoto Cherem. São Paulo: Limiar, 2002.